

A FORMAÇÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOS TREINADORES DE BASQUETEBOL MASCULINO DO RIO DE JANEIRO: APRENDIZAGEM E TREINAMENTO DOS SISTEMAS DEFENSIVOS

Leonardo Toledo Josgrilberg^{1,2} baideck@ig.com.br

doi:10.3900/fpj.7.6.386.p

Josgrilberg LT. A formação e a prática pedagógica dos treinadores de basquetebol masculino do Rio de Janeiro: aprendizagem e treinamento dos sistemas defensivos. *Fit Perf J.* 2008 nov-dez;7(6):386-92.

RESUMO

Introdução: Esta pesquisa procurou estabelecer um diagnóstico acerca da formação profissional e da prática pedagógica utilizada pelos profissionais responsáveis pelo treinamento das equipes de categorias de base do basquetebol masculino no Rio de Janeiro, no que diz respeito ao desenvolvimento dos sistemas defensivos. **Materiais e Métodos:** Esta pesquisa foi realizada através de uma investigação de campo com abordagem do tipo levantamento de dados através de um processo de documentação direta utilizando técnica de observação direta extensiva. **Resultados:** Os dados encontrados caracterizaram estes treinadores como adultos, graduados (principalmente em Educação Física), que utilizam a internet e a presença em jogos para obter conhecimento através de análises táticas. Planejamento, métodos e avaliação representaram fatores de dificuldade no trabalho. **Discussão:** Os entrevistados possuem conhecimento acerca do que deve ser treinado, apesar do excesso de enfoque na tática coletiva. Porém, o grande problema no exercício da profissão destes treinadores trata-se da debilidade acerca dos conhecimentos didático-pedagógicos.

PALAVRAS-CHAVE

Basquetebol, Educação Física e Treinamento, Esportes.

¹ Universidade Castelo Branco - Rio de Janeiro - Brasil

² Universidade Salgado de Oliveira - Niterói - Brasil

THE FORMATION AND PEDAGOGICAL PRACTICES OF RIO DE JANEIRO'S MALE BASKETBALL COACHES: DEFENSIVE SYSTEMS LEARNING AND TRAINING

ABSTRACT

Introduction: This research aimed at establishing a diagnosis on the professional education and on the pedagogical practice applied by the trainers who are responsible for the preparation of male beginner basketball teams in Rio de Janeiro, concerning the development of defensive systems. **Materials and Methods:** This research was accomplished through a field investigation with a survey approach, in which a documentation process, with the application of an extensive direct observation technique, was carried out. **Results:** The results of the data gathering characterized these coaches as: adults, graduated, mainly in Physical Education, who use the internet and games to acquire knowledge through tactical analyses. Planning, methods and evaluation appeared in the work as difficulties. **Discussion:** Concluded that the interviewees have knowledge about what has to be trained, although there was an excessive focus on collective tactics. However, the greatest problem, in these coaches' professional practice is the limitation of their didactical-pedagogical knowledge.

KEYWORDS

Basketball, Physical Education and Training, Sports.

LA FORMACIÓN Y LAS PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS DE LOS ENTRENADORES DE BALONCESTO MASCULINOS DE RIO DE JANEIRO: APRENDIZAJE Y ENTRENAMIENTO DE SISTEMAS DEFENSIVOS

RESUMEN

Introducción: Esta investigación buscó establecer un diagnóstico acerca de la formación profesional y de la práctica pedagógica utilizada por los profesionales responsables por el entrenamiento de los equipos de categorías de base del baloncesto masculino en Rio de Janeiro, por lo que respecta al desarrollo de los sistemas defensivos. **Materiales y Métodos:** Esta investigación fue realizada a través de una investigación de campo con abordaje del tipo levantamiento por un proceso de documentación directa utilizando técnica de observación directa extensiva. **Resultados:** Los datos encontrados caracterizaron estos entrenadores como: adultos, graduados, principalmente en Educación Física, que utilizan el internet y la presencia en juegos para obtener conocimiento a través de análisis tácticas. Planificación, métodos y la evaluación representaron factores de dificultad en el trabajo. **Discusión:** Se concluyó que los entrevistados poseen conocimiento acerca de lo que debe ser entrenado, a pesar del exceso de enfoque en la táctica colectiva. Sin embargo, el gran problema, en el ejercicio de la profesión de estos entrenadores, trata de la debilidad acerca de los conocimientos didáctico-pedagógico.

PALABRAS CLAVE

Baloncesto, Educación y Entrenamiento Físico, Deportes.

INTRODUÇÃO

Desde o início dos anos 90, um novo contexto passou a caracterizar o basquete mundial de alto rendimento. A subdivisão de União Soviética e Iugoslávia, além da permissão para que atletas profissionais participarem de competições da FIBA, foram fatores que contribuíram para que os Estados Unidos perdessem sua hegemonia^{1,2}, para que o nível do basquetebol praticado fosse mais homogêneo e para que surgissem novas potências.

Neste novo paradigma, o basquetebol masculino brasileiro não conseguiu classificação para algumas das principais competições mundiais, inclusive perdendo espaço na América do Sul para a Argentina.

No processo de análise de vídeos e estatísticas das partidas em que as seleções brasileiras estiveram envolvidas, um fator assume papel de destaque: a fragilidade e inconsistência da defesa brasileira.

Atletas brasileiros conseguiram postos de destaque no âmbito internacional; métodos e estratégias de trabalho encontram-se democratizados através da internet, de eventos e de publicações científicas. Então, por que um sistema defensivo tão frágil e deficiente?

No contexto específico deste estudo realizou-se uma investigação acerca dos treinadores responsáveis por orientar todo este processo. Como o Brasil abrange dimensões continentais e não possui uma escola nacional de treinadores, esta pesquisa teve que selecionar, a fim

de atingir a consecução de seus objetivos, referenciais estratégicos que pudessem servir de espelho para o âmbito nacional.

O objetivo principal deste estudo foi estabelecer um diagnóstico acerca da formação profissional e da prática pedagógica utilizada pelos profissionais responsáveis pelo treinamento das equipes de categorias de base do basquetebol masculino no Rio de Janeiro, no que diz respeito ao desenvolvimento dos sistemas defensivos.

Fundamentação teórica

Moreno³ caracterizou o basquetebol como um esporte de oposição e cooperação, envolvendo ações simultâneas entre duas equipes (atacante e defensora) que ocupam um mesmo espaço, provocando contato direto entre os participantes.

Daiuto⁴ considerou este esporte completo, um jogo de coordenação de movimentos, de grande intensidade motriz, que permite o desenvolvimento de todas as qualidades que a vida moderna exige de cada indivíduo.

Ferreira & De Rose Jr⁵ abordaram o somatório de diferentes habilidades específicas, que podem ser denominadas: fundamentos do jogo. Estes fundamentos do jogo constituem a representação da técnica de um movimento. Barbanti⁶ considerou-os como a estrutura racional de um ato motor para atingir determinado objetivo ou uma seqüência de movimentos de determinado gesto esportivo.

Daiuto⁴, Ferreira & De Rose Jr⁵, Salles & Salles⁷, Tricoli & De Rose Jr⁸, Coutinho⁹, Carvalho¹⁰, Guerrinha¹¹, American Sport Education Program¹², Almeida¹³, Williams & Wilson¹⁴, Wootten¹⁵, de uma forma geral, classificaram os fundamentos do basquete em dois grandes grupos: fundamentos de defesa, caracterizados através de ações sem a posse da bola; e de ataque, executados com a posse da bola.

Os fundamentos de defesa puderam ser identificados através da execução de movimentos para tentar recuperar a posse da bola, em que os tipos mais comuns são o controle de corpo e o rebote (ofensivo e defensivo). Os fundamentos de ataque, além de mais numerosos, possuem funções variadas, os principais tipos são: o controle de corpo; o manejo de bola; o drible; o passe; o arremesso; e o rebote⁹.

Barbanti⁶ considerou como tática o planejamento de procedimentos para alcançar um objetivo sob determinadas circunstâncias, referindo-se a um sistema de ações planejadas. Tricoli & De Rose Jr⁸ identificaram três tipos de ações táticas: ações individuais; grupais; e coletivas. A organização e a combinação destas ações devem ser propostas para quatro momentos do jogo:

defesa; contra-ataque; ataque organizado; e transição ataque-defesa¹⁶.

Wootten¹⁵ exaltou que no basquetebol deve-se proporcionar ênfase em defesa e rebote, desenvolvendo certos princípios defensivos: pressão no homem que está com a bola; pressão nas primeiras opções de passe; ajuda no lado sem bola; bloqueio de rebote; e saída para o contra-ataque. Tais princípios também foram destacados por Calatayud¹⁷, Carvalho^{10,18}, Silva¹⁹ e Knight²⁰.

Guerrinha¹¹ e Ferreira & De Rose Jr⁵ diferenciaram os sistemas de defesa: individual; por zona; combinado; e misto. Guerrinha¹¹ destacou ainda que a marcação individual pode ser realizada de forma pressionada, com flutuação, com ajuda ou dobrando (dois em um).

Tsiotras *et al.*²¹ detectaram que a defesa individual foi o tipo mais utilizado em 91% do tempo no basquetebol de alto nível. Almeida¹³ registrou que a defesa individual foi sempre a mais indicada para iniciação ao basquetebol.

Daiuto⁴, Ferreira & De Rose Jr⁵, Carvalho¹⁰, Williams & Wilson¹⁴, Boccardo¹⁶ e Marques²² caracterizaram o contra-ataque como uma estratégia ofensiva em que uma equipe tenta progredir rapidamente com a bola, da defesa para o ataque, para converter uma cesta antes que a equipe adversária se organize. Gerani *et al.*²³ destacaram a efetividade dos contra-ataques no basquetebol de alto nível quando identificaram que 63% deles proporcionam cesta. Boccardo¹⁶ apontou que, quando não é possível finalizar o contra-ataque, utiliza-se o ataque organizado.

Boccardo¹⁶ enfatizou que, após a conclusão de um ataque bem sucedido ou não, deve-se retornar para a defesa. Xiqués²⁴ corroborou este pensamento, destacando a necessidade de retardar a chegada da bola à quadra de defesa a fim de evitar um contra-ataque e forçar o adversário a adotar uma dinâmica de menor velocidade.

O profissional responsável pela abordagem destes conteúdos assume papel fundamental, e sua formação constitui um dos alicerces de suas ações pedagógicas. Rodrigues²⁵ destacou que a formação de treinadores está ainda longe de ser um processo global e criterioso. Menoncin Jr²⁶ abordou que a carreira de treinador esportivo no Brasil pode ser considerada como das mais difíceis, devido aos problemas que vão desde a formação profissional à remuneração financeira até a exigência constante de vitórias.

Becker Jr²⁷ identificou a presença de três tipos de perfil de treinadores no processo de iniciação esportiva:

ex-atletas; acadêmicos do curso de Educação Física; e professores de Educação Física. Moraes²⁸ detectou um outro perfil: o “profissional leigo”.

No exercício da atividade profissional o treinador desempenha uma função central na formação e no desenvolvimento do atleta, do ponto de vista físico, técnico, psicológico, emocional e social. Galdi *et al.*²⁹ detectaram na figura do técnico uma das principais fontes de estresse para atletas juvenis de basquetebol e tênis. Gauderer³⁰ registrou que quanto pior a autoimagem de um atleta mais importante é o papel do técnico em estimulá-lo, em aumentar-lhe a autoconfiança.

Paes & Balbino³¹ entenderam que hoje é preciso buscar novas possibilidades de “pedagogizar” o fenômeno esporte e, assim, dar continuidade aos avanços da educação física como área de conhecimento. Ferreira & De Rose Jr⁵ identificaram três momentos no processo de aprendizagem do basquetebol: fase de aprendizagem; fase de fixação; e fase de aperfeiçoamento. Oliveira & Graça³² entenderam o ensino do basquete centrado em três domínios: social, no qual os alunos devem apreciar o jogo; estratégico, em que o aluno deve desenvolver a capacidade de tomada de decisões; e, técnico em que a técnica deve ser utilizada no contexto do jogo com grau de dificuldade progressivo.

De Rose Jr³³ reportou que todo técnico quer ter em sua equipe jogadores taticamente inteligentes, que tomam decisões corretas nas situações de jogo. Mas, para tanto, faz-se necessário que sejam adotados métodos de treinamento que permitam aos atletas

desenvolverem sua capacidade cognitiva e, assim, maturidade tática.

Os métodos de ensino e treinamento foram abordados por Coutinho⁹, Oliveira & Paes³⁴, Greco³⁵, Dietrich *et al.*³⁶, Bompa³⁷, Abernethy *et al.*³⁸ e Garganta³⁹, que sintetizaram as informações disponíveis na literatura do Quadro 1.

Greco³⁵ destacou os trabalhos de Raab^{40,41} e Roth^{42,43,44}, entre outros, para mostrar que existe uma tendência de se obter melhores resultados na iniciação esportiva adotando-se o método situacional, paralelamente ao desenvolvimento de diferentes processos cognitivos inerentes à capacidade tática (percepção, antecipação, motivação, tomada de decisão, leitura de jogo) de forma incidental.

Assim, Greco³⁵ desenvolveu o método situacional cognitivo, sustentado através de estruturas funcionais do jogo. Desta forma, permite-se inter-relacionar o nível de experiência motora (experiência de jogo) com o desenvolvimento das capacidades táticas dos alunos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Castelo Branco sob o número 0065/2007, com o intuito de cumprir as determinações prescritas na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes do estudo concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O presente estudo assumiu formato descritivo em que foi realizada uma pesquisa de campo com abordagem

Quadro 1 - Métodos de abordagem dos jogos esportivos coletivos.

Método Analítico ou Parcial (centrado nas técnicas e nas soluções impostas)	Método Global ou de Confrontação (centrada no jogo formal - ensaio e erro)	Método Situacional (centrada nos jogos condicionados - procura dirigida)
características		
das técnicas analíticas para o jogo formal	utilização exclusiva do jogo formal	do jogo para situações particulares
o jogo é decomposto em elementos técnicos (passe, recepção, drible, ...)	o jogo não é condicionado nem decomposto	o jogo é decomposto em unidades funcionais; jogo sistemático de complexidade crescente
hierarquização das técnicas (1ª técnica “a”, depois a técnica “b”, etc.)	a técnica surge para responder situações globais não-orientadas	os princípios do jogo regulam a aprendizagem
conseqüências		
ações de jogo mecanizada, pouco criativas; comportamento estereotipado	jogo criativo, mas com base no individualismo; virtuosismo técnico contrastando com anarquia tática	as técnicas surgem em função da tática, de forma orientada e provocada.
problemas na compreensão do jogo (leitura deficiente, soluções pobres).	soluções motoras variadas, mas com inúmeras lacunas táticas e descoordenação das ações coletivas	inteligência tática: correta interpretação e aplicação dos princípios do jogo; viabilização da técnica e criatividade nas ações de jogo.

fonte: De Rose Jr³³

do tipo levantamento de dados, através de um processo de documentação direta utilizando técnica de observação direta extensiva⁴⁵. Os sujeitos participantes desta pesquisa foram 52 treinadores que ocuparam a função de técnico principal de uma equipe que disputou os campeonatos estaduais masculinos das categorias de base do Rio de Janeiro no ano de 2007.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário constituído de vinte perguntas, que foi apreciado previamente por um "júri de experts". A coleta de dados foi realizada sem qualquer interferência do pesquisador sobre as respostas. Os dados coletados receberam um tratamento estatístico de forma descritiva, sendo interpretados e analisados de acordo com a literatura pesquisada e os objetivos propostos do estudo.

RESULTADOS

A presente pesquisa observou que a faixa etária dos entrevistados apresentou uma média de $34,00 \pm 10,13$ anos, com esta idade variando de 22 a 53 anos. Não foi detectada uma faixa etária predominante para o exercício desta função profissional. Detectou-se que, quanto menor a faixa etária da categoria, menor, em média, a idade do treinador e menor que a média geral. O tempo médio de atuação nesta função encontrado foi de $13,12 \pm 10,76$ anos.

Acerca da formação pedagógica, 36,56% dos treinadores afirmaram possuir cursos completos de pós-graduação. No âmbito da graduação, 61,53% formou-se em Educação Física, 17,30% são acadêmicos em Educação Física e 7,71% graduaram-se em outras áreas. 13,46% dos treinadores não obtiveram qualquer formação universitária. Foi observado que, entre os treinadores que não possuíam formação universitária, 93,48% estão no mercado de trabalho há mais de 20 anos. Entre os profissionais com menos de 15 anos de exercício da profissão, 89,72% são graduados ou acadêmicos em busca da titulação. Entre estes treinadores, 17,65% foram atletas da categoria adulta; 52,94% foram atletas das categorias de base; e 29,41% não foram atletas de basquetebol.

Investigando o aperfeiçoamento profissional, 48,07% dos treinadores participaram de algum evento no segundo semestre de 2007; 23,07% identificaram sua última participação no primeiro semestre de 2007; 15,39% o fizeram entre os anos de 2005 e 2006; e 13,47% realizou esta participação antes de 2005. Entre os 71,14% de profissionais participantes em 2007, cerca de 70,27% são treinadores que dirigem equipes das categorias mais jovens (mirim e infantil).

O hábito de leitura de publicações foi registrado por 46,15% dos entrevistados. Entre estes, 79,16% não

soube citar o nome de um artigo, livro ou periódico lido. A rede mundial de computadores foi utilizada regularmente por 86,54% dos entrevistados. Foram feitas referências a 26 diferentes páginas que abordam o basquetebol como tema. Entretanto, apenas 10 traziam informações para a função de treinador. Considerando estas, o número de citações acerca das páginas que tratam da tática e estratégia do jogo é superior às páginas que tratam da prática pedagógica e da metodologia de ensino.

O hábito dos profissionais assistirem partidas de basquetebol foi abordado por 80,76% dos entrevistados que afirmaram assistir, em média, uma partida por semana. Os motivos que levam os treinadores a assistir estas partidas abrangeram três tendências: tentativa de melhorar a performance de sua equipe através da análise tática de adversários; reforço de vínculos sociais; e aprimoramento profissional.

Quanto aos sistemas defensivos, os resultados encontrados explicitaram que 84,62% dos treinadores adotam a defesa individual como sistema mais utilizado em suas equipes. Foram realizadas referências acerca das variações dos sistemas como sistemas sob pressão; a aplicação de dobras e utilização da flutuação. Os fatores que justificaram essa opção retrataram dois focos distintos: aspectos de aprendizagem (pedagógicos); e de desempenho (eficiência) do sistema defensivo. Destacou-se, nesta justificativa, a prevalência de dois fatores sem qualquer cunho científico: ser o sistema mais utilizado; e ser o sistema mais eficiente.

Apenas 30,77% dos entrevistados fizeram referência aos princípios defensivos abordados na literatura. Entre estes, apenas 11,54% abordaram a utilização de todos os princípios defensivos destacados na literatura.

Entre estes treinadores, 11,53% dos profissionais afirmaram que não realizavam qualquer tipo de planejamento, 42,31% afirmaram realizar este tipo de planejamento, mas não conseguiram explicar esta organização. Abordando os métodos de ensino e treinamento, 80,77% dos treinadores foram capazes de citar um método encontrado na literatura. Entre as citações dos treinadores, o método parcial ou analítico sintético foi o mais citado, seguido do método global ou de confrontação. O método situacional foi lembrado por 12 vezes e o método situacional cognitivo três vezes.

As respostas acerca dos motivos que justificam as opções metodológicas foram pautadas no empirismo e na obrigação ou necessidade de se justificar para o pesquisador. Nestas respostas, em apenas 15,38% dos entrevistados evidenciou-se a presença de cuidados com a pedagogia da aprendizagem, da preocupação com o

estabelecimento de um processo pedagógico de treinar os jogadores. A realização de um processo de avaliação do treinamento dos sistemas defensivos foi negada por 82,69% dos entrevistados.

DISCUSSÃO

Os dados encontrados na investigação caracterizaram estes treinadores com um perfil que não pode ser considerado como iniciante. Foi constatado que os treinadores que desenvolvem atividades com as crianças são mais novos, menos experientes e com menos tempo de trabalho. Importante destacar que, para este público, o quadro deveria ser inverso, contando com profissionais mais experientes e seguros para conduzir o processo de aprendizagem e treinamento.

Identificou-se que cerca de 80% dos treinadores possuíam ou estavam em busca de formação específica dentro da área da Educação Física, restando apenas 20% de profissionais que não pertenciam a este contexto. Isto trouxe à tona um novo quadro em que o espaço para leigos e práticos tendeu a estar se reduzindo, pois, com a aposentadoria destes profissionais, possivelmente os novos que os substituirão sejam oriundos da área da Educação Física.

A experiência prática foi fator relevante. Entretanto, observou-se que o fato de ter sido atleta foi fator agregador de valor, porém não sendo essencial. Ex-atletas da categoria adulta foram minoria e aproximadamente 30% dos treinadores nem sequer foram atletas.

No processo de aperfeiçoamento profissional retratou-se pequena participação dos profissionais, estando estes mais preocupados em focar suas ações na realização de seu trabalho, não destinando tempo suficiente para participação em cursos, palestras e pesquisas. Alguns dados que representaram este quadro foram: 54% não possuíam hábito de leitura; apenas 17% participaram de dois ou mais eventos em 2007; menos da metade dos sítios visitados na internet apresentaram informações específicas para a função de treinador.

Nos sistemas defensivos, a utilização preferencial da defesa individual corrobora a literatura. Entretanto, houve reduzida referência aos princípios defensivos abordados na literatura, além de predominância de respostas sem cunho científico ou de pesquisa para justificar as opções assumidas. Retratou-se um quadro de provável conhecimento limitado.

Planejamento, métodos e avaliação foram fatores que reforçaram o restrito conhecimento dos entrevistados. Constatou-se um trabalho realizado de forma empírica ou sem organização. Tal quadro se repetiu

entre os fatores que justificariam os métodos de trabalho, inclusive com reduzida referência aos métodos específicos para desenvolvimento de organizações táticas.

O quadro encontrado por este estudo apresentou aspectos positivos e negativos considerando requisitos importantes para o exercício da função de treinador de basquetebol.

De forma positiva foi diagnosticado o nível de experiência e o tempo de exercício da profissão, a utilização da informática, a disponibilização de tempo para assistir jogos de basquetebol, bem como o índice de profissionais preocupados com sua formação pedagógica específica.

Porém, os aspectos negativos apresentaram-se em maior número. Importante destacar que, apesar da representatividade, a experiência prática apresentou-se inconsistente, houve pouca procura por cursos e eventos de especialização e aprimoramento profissional, a leitura não foi considerada fator de atualização e na utilização da internet pouco foco foi destinado ao aprimoramento profissional.

Entretanto, o fator de preocupação destacado foi o fato do aspecto tático coletivo ter sido identificado como principal foco norteador do treinamento, da busca de informações e da preparação das equipes. O trabalho é realizado com restrita fundamentação teórica ou crítica, sendo caracterizada através de evidências, como uma reprodução de conhecimento de uma maioria de treinadores.

O foco do trabalho esteve centrado no desenvolvimento dos conteúdos, buscando eficiência dos sistemas defensivos durante as partidas. Mas, como alcançar estes objetivos com precário conhecimento acerca de planejamento, metodologia e avaliação?

Tornou-se evidente que, apesar de boa parte dos treinadores dominarem parte dos conteúdos (tipos de defesa e suas variações e os princípios defensivos) que precisam ser ensinados e treinados nas categorias de base, o problema detectado está relacionado aos conhecimentos didático-pedagógicos dos profissionais, apesar de 69,24% terem sido graduados.

Constatou-se ser necessária uma reflexão sobre o foco norteador do trabalho nas categorias de base. A tática coletiva é um dos últimos patamares a serem alcançados na preparação de um atleta ou equipe. O centro das preocupações requer estar voltado para buscar novos conhecimentos, principalmente didático-pedagógicos, a fim de ampliar a consistência e fortalecer o processo de formação e atualização profissional.

REFERÊNCIAS

1. De Rose Jr D. O basquetebol masculino nos jogos olímpicos: de Berlin a Atenas. [atualizada em 2005 jan; acesso em 2007 jan 26]. [9 telas]. efdeportes.com. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd80/basquet.htm>.
2. De Rose Jr D. Campeonato mundial de basquetebol masculino: história em números. [atualizada em 2003 dez; acesso em 2007 jan 27]. [11 telas]. efdeportes.com. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd67/basquete.htm>.
3. Moreno JH. Fundamentos del deporte: Análisis de las estructuras del juego deportivo. Barcelona: INDE Publicaciones; 1998.
4. Daiuto M. Basquetebol: metodologia de ensino. 5ª ed. São Paulo: Brasipal; 1983.
5. Ferreira AEX, De Rose Jr D. Basquetebol, técnicas e táticas: uma abordagem didático-pedagógica. 2ª ed. São Paulo: EPU; 2003.
6. Barbanti VJ. Dicionário de educação física e do esporte. São Paulo: Manole; 1994.
7. Salles I, Salles CMC. Basquetebol - capacidades técnicas ofensivas. Belo Horizonte: BD Empreendimentos; 2006.
8. Tricoli V, De Rose Jr D. Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática. Barueri: Manole; 2005.
9. Coutinho NF. Basquetebol na escola. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sprint; 2003.
10. Carvalho W. Sistemas de ataque e defesa. Rio de Janeiro: Sprint; 2001.
11. Guerrinha. Basquete: aprendendo a jogar. Bauru: Idea; 2001.
12. American Sport Education Program. Ensinando basquetebol para jovens. São Paulo: Manole; 2000.
13. Almeida MB. Basquetebol - iniciação. Rio de Janeiro: Sprint; 1998.
14. Williams J, Wilson S. Youth league basketball: coaching and playing. Indianapolis: Master Press; 1994.
15. Wootten M. Coaching basketball successfully. Champaign: Leisure Press; 1992.
16. Boccardo W. Os dez mandamentos do basquete moderno - defesa agressiva e contra-ataque. Rio de Janeiro: Bolar Editora; 2003.
17. Calatayud F. As ajudas defensivas na iniciação. III Congresso Ibérico de Basquetebol; 2004; Porto - Portugal. Porto: anais do congresso; 2004:28-35.
18. Carvalho W. Teorias e estratégias do basquetebol. Rio de Janeiro: Lutero Mariano; 1990.
19. Silva R. Estudo analítico dos sistemas de defesas no basquetebol. [monografia]. Rio de Janeiro: UGF; 1987.
20. Knight B. [video tapes]. Indiana: Katz Sports Presents; 1986.
21. Tsiotras D, Mexas K, Garefis A, Tsiotaris G. The effectiveness of organized offenses in high-level Basketball. Congresso Pré-Olímpico; 2004; Thessaloniki - Grécia. [atualizado em 2004 set; acesso em 2007 jul 25]. [1 tela]. cev.org.br. Disponível em <http://www.cev.org.br/biblioteca/preolymp/download/0.275.doc>.
22. Marques W. Caderno técnico-didático: basquetebol. Brasília: MEC Editora; 1981.
23. Gerani H, Mexas K, Garefis A, Tsiotaris G. The effectiveness of fast breaks in high-level basketball. Congresso Pré-Olímpico; 2004; Thessaloniki - Grécia. [atualizado em 2004 set; acesso em: 2007 jul 25]. [1 tela]. cev.org.br. Disponível em <http://www.cev.org.br/biblioteca/preolymp/download/0.276.doc>.
24. Xiqués JAC. Equilíbrio defensivo - reflexões, estrutura e trabalho. [atualizado em 2005 mar; acesso em 2007 set 29]. [1 tela]. bdbaloncesto.com. Disponível em http://bdbaloncesto.com/2005_pdf_docs/20050305_balance_defensivo_Joan.pdf.
25. Rodrigues JF. O comportamento do treinador - estudo da influência do objectivo dos treinos e do nível de prática dos atletas na actividade pedagógica do treinador de voleibol. [tese]. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa; 1995.
26. Menoncin Jr WA. Estudos dos fatores que levam os jovens ao abandono do basquetebol competitivo em Curitiba. [dissertação]. Florianópolis: UFSC; 2003.
27. Becker Jr B. Psicologia aplicada à criança no esporte. 1ª ed. Novo Hamburgo: Novo Hamburgo; 2000.
28. Moraes AC. Professor leigo em educação física: uma análise da percepção de prática. [dissertação]. Rio de Janeiro: UGF; 1996.
29. Galdi M, Santos FP, Gallegos SSO, De Rose Jr D. O técnico como fonte de stress em atletas juvenis de basquetebol e tênis. [atualizado em 2005 jun; acesso em: 2006 mar 02]. [1 tela]. bbheart.com.br. Disponível em: http://www.bbheart.com.br/artigos_exemplo.asp.
30. Gauderer EC. O adolescente. São Paulo: Atheneu; 1984.
31. Paes RR, Balbino HF. Processo de ensino e aprendizagem do basquetebol: perspectivas pedagógicas. Basquetebol: uma visão integrada entre ciência e prática. Barueri: Manole; 2005.
32. Oliveira J, Graça A. O ensino dos jogos desportivos. 2ª ed. Porto: Universidade do Porto; 1995.
33. De Rose Jr D. Modalidades esportivas coletivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006.
34. Oliveira V, Paes RR. Ciência do basquetebol. Londrina: Midiograf; 2004.
35. Greco PJ. Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube. Belo Horizonte: UFMG; 1998.
36. Dietrich K, Dürrwächter G, Schaller HJ. Os grandes jogos: metodologia e prática. Rio de Janeiro: Livro Técnico; 1984.
37. Bompa TO. Treinando atletas de desporto coletivo. São Paulo: Phorte; 2005.
38. Abernethy B, Wann J, Parks S. Treinamento das habilidades perceptivo-motoras no esporte. Treinamento no esporte: aplicando ciência no treinamento. São Paulo: Phorte; 2000.
39. Garganta J. Para uma teoria dos jogos coletivos. O ensino dos jogos desportivos. 2ª ed. Porto: Universidade do Porto. 1995.
40. Raab M, Gwodz G. Zum training konvergenter und divergenter taktischer problemlösungen im volleyball - eine pilotstudie. Sportspiel Symposium. Heidelberg: Forschung; 1997.
41. Raab M. Einflubfaktoren taktischer leistungsfähigkeit. Volleyball 95. Symposium des Deutschen Volleyball. Hamburg: Verbandes; 1996.
42. Roth K. Taktik im sportspiel. Schorndorf: Hofmann; 1989.
43. Roth K. Entscheidungsverhalten im sportspiel. Sportwissenschaft. Schorndorf: Hofmann; 1991.
44. Roth K, Hossner EJ. Methodische ubungsfolgen und empirische problemreihen der vereinfachungsstrategien zur bearbeitung praxisnaeher frages-tellum im der sportspiel forschung. Methodologie der sportspielforschung. Ahrensburg: Czwalina; 1997.
45. Cervo AL, Bervian PA. Metodologia científica. São Paulo: Pearson Prentice Hall; 2002.

Recebido: 18/07/2008 – Aceito: 03/10/2008